

XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

21 a 25 de maio de 2007

Belém - Pará - Brasil

MUDANÇAS E DETERMINANTES NA DINÂMICA SOCIOECONÔMICA NA REGIÃO
METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA – 1980 / 2005

Felipe Caboclo Colantonio (Unicamp)

Mudanças e Determinantes na Dinâmica Socioeconômica na Região Metropolitana da Baixada Santista – 1980 / 2005

Resumo:

O objetivo deste artigo é procurar entender as transformações sócio-econômicas pós-1980 da região em questão tendo como base tanto pelo seu papel definido e complementar na “divisão espacial do trabalho” paulista quanto pela aglomeração existente. Região Metropolitana da Baixada Santista apresentou nos últimos 25 anos um reforço de suas principais características, sejam estas nos âmbitos demográfico e econômico. Enquanto que no primeiro intensificou-se o processo de descentralização da população do núcleo Santos – São Vicente, a região registrou uma manutenção do seu padrão de vinculação econômica com a economia paulista e nacional, com especialização em três atividades principais: serviços portuários, serviços de lazer e turismo balneário e pólo químico e metalúrgico. Ainda assim, aquelas atividades referentes ao porto e ao pólo protagonizaram na década de 90, respectivamente, com os processos de transformações estruturais de funcionamento e reprodução e processos de privatização, um expressivo fechamento de postos de trabalho, cabendo principalmente nas atividades de turismo e lazer balneário preencher tal lacuna, o que ocorre de maneira insuficiente desde então.

Introdução

A caracterização das metrópoles nacionais enquanto espaços supramunicipais com grandes vínculos entre suas partes que constituem um contínuo e integrado território socialmente construído e, portanto, determinado pelos movimentos contraditórios da acumulação de capital ainda está em sua fase inicial. Mas do que nada, a própria denominação de uma região como metropolitana tem como base determinados fenômenos concernentes à capacidade tanto de autodeterminação da reprodução de suas relações quanto também pela indução / polarização que exerce sobre outras regiões.

O caso da região da Baixada Santista é simbólico no que diz respeito às dúvidas sobre as diferenças mais sutis entre aglomerações urbanas e regiões metropolitanas, ou seja, o grau de organicidade e desenvolvimento daquele território. Em que pese ter atualmente o rótulo oficial de uma RM, baseado principalmente na total conurbação de suas cidades e de substantivas relações e complementaridades socioeconômicas intramunicipais, sua configuração enquanto rede de cidades está fortemente subordinada à região metropolitana por excelência do país, centro polarizador e dinamizador / indutor na economia do Estado e nacional, a Grande São Paulo.

Nos cenários construídos para as diversas regiões administrativas do estado no final da década de oitenta, Cano, Pacheco, Zimmermann e Semeghini (1992), argumentam que a Região Administrativa de Santos "... aumentará a região conurbada..., sem, contudo significar um processo de metropolização, haja vista sua urbanização "tripartite" (o "norte", Santos - São Vicente e o "sul"), que descentralizou as determinações de suas redes de serviços públicos e notadamente privados" (FSEADE, 1992, v.5, p.88).

Mais do que simplesmente questionar a validade do título que leva a região, o interesse desse trabalho é pela busca do entendimento da estrutura da economia da região em questão, ou seja, quais são os processos relevantes para a sua reprodução enquanto espaço articulado entre seus componentes e com as outras regiões com que se relaciona. Mais precisamente, o objetivo desse artigo será buscar compreender as razões das transformações do padrão de reprodução social da região aproximadamente nos últimos vinte e cinco anos a partir das relações intermunicipais e inter-regionais (com o resto do estado e com o resto do país).

Sendo assim, esse trabalho se dividirá em duas grandes seções. O intuito da primeira é justamente mapear, caracterizar os aspectos socioeconômicos mais gerais da região, basicamente uma revisão bibliográfica do material já existente. Para o período que se inicia

na década de oitenta e chega até os dias atuais, a análise será feita com maior detalhamento e precisão, buscando evidenciar as causas das mudanças quantitativas e qualitativas ocorridas tanto nas atividades econômicas nucleares como na dinâmica demográfica regional.

Dessa maneira, a segunda parte terá como subseções análises referentes à dinâmica demográfica - mostrando tendências no padrão de ocupação da região -, às transformações econômicas ocorridas na região - dando maior atenção para as atividades de maior relevância na região: pólo industrial de Cubatão, porto de Santos e turismo e lazer balneário – e o padrão de relacionamento das cidades.

Caracterizações gerais e desenvolvimento socioeconômico da região pré-oitenta

Com aproximadamente 1,5 milhões de pessoas vivendo quase em totalidade em áreas urbanas, a Região Metropolitana da Baixada Santista (RMBS) é constituída por nove municípios¹ que se estendem por uma parte da faixa litorânea paulista. Além disso, faz fronteira com a Região Metropolitana de São Paulo, o litoral norte (Vale do Paraíba) e litoral sul (Vale do Ribeira). Seus aspectos geográficos limitam a ocupação humana horizontalmente: presença de mangues, Serra do Mar com Mata Atlântica, ilhas etc.

Vale ainda ressaltar aqui a forte conurbação existentes entre praticamente todos os municípios da região; com exceção de Bertioga, os espaços urbanos de suas cidades se entrelaçam, conformando uma mancha urbana contínua pela a costa do litoral. Seu mercado de trabalho possui expressivo componente pendular, com deslocamento de aproximadamente 95 mil pessoas para o último censo (Jakob, 2003). Dados da Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos (EMTU) revelam um contingente de 155 mil passageiros diariamente.

Do ponto de vista econômico, apresenta em suas principais atividades produtivas uma forte vinculação às estruturas econômicas às quais está inserida: a economia paulista e nacional. Possui papel importante dentro da divisão espacial do trabalho, ensejando forte especialização dentro de três atividades principais: atividades portuárias em Santos, pólo industrial de Cubatão - complexos químico e metalúrgico - e ainda turismo e lazer balneário disseminados em suas cidades. Deve-se ter em mente que a forte interação da indústria local com a atividade portuária, que está localizada justamente no estuário entre estes três municípios de peso industrial (Santos, Cubatão e Guarujá).

Com relação às atividades do segmento terciário da RMBS, esta se destaca pela prestação de serviços portuários e de turismo balneário, além da considerável descentralização de suas instalações dentro do grupo de cidades da RMBS. Caracterizada pela grande aglomeração

urbana, com forte concentração espacial de sua população, seu terciário possui considerável diversificação e sofisticação para o atendimento da população local.

O desenvolvimento econômico da região está totalmente imbricado à formação e dinâmica do complexo cafeeiro que se passa no interior do Estado de São Paulo na segunda metade do século XIX. A cidade de Santos com o seu porto passa a ser o escoadouro da crescente produção de café cultivado nas novas terras do Oeste paulista, principalmente com a inauguração da Estrada de Ferro S. P. Railway, ligando a cidade de Jundiaí ao porto.

A forte repartição do excedente produzido pelo complexo² através de suas diversas atividades repercute na região através da instalação na região de uma gama de novos agentes que dão suporte ao seu processo de produção e exportação se instala em Santos, tornando-a uma das principais praças financeira e comercial da economia paulista, culminando no surgimento de um capital mercantil local para prover diferenciada demanda local.

A mudança no padrão de acumulação a partir dos anos trinta, agora sob a égide da atividade industrial - porém de caráter restringido - traz como transformações importantes para a região, com forte rebatimento sobre a atividade portuária. Novos tipos de serviço de suporte a comercialização são requisitados com as mudanças nos seus fluxos, notadamente produtos industrializados e nova gama de produtos agrícolas. Destaca-se ainda para a região a construção da via Anchieta em 1947, transformando radicalmente a partir da década de cinquenta o espaço econômico da Baixada, ao impulsionar as atividades ligadas ao turismo balneário requisitadas pela população da capital (esta passava por um processo de robustecimento da massa de salário da população).

Vale notar que até as atividades econômicas da região estavam concentradas principalmente em Santos (80% do valor adicionado) e São Vicente no início dos anos 50. Principalmente com relação ao comércio e prestação de serviços, Santos exercia uma grande força polar. Porém, com o incremento da atividade do turismo dá-se início o processo de desconcentração na ilha de São Vicente.

A partir da metade da década de 50, com o início do ciclo de investimentos pesados realizados pelo Estado, tanto o setor industrial como o terciário da região sofrem transformações qualitativas. Como destaca EMPLASA (2002), temos no local do futuro município de Cubatão a construção da Refinaria Presidente Bernardes, gerando uma grande atratividade para a instalação de indústrias que têm os produtos daquela como insumo nas suas proximidades, articulando assim um crescente e vultoso setor petroquímico, que passa na década de 60 a receber grandes empresas principalmente dos ramos químico (CARBOCLORO, CLOROGIL etc) e siderúrgico (COSIPA).

Já o setor terciário apresentou grande crescimento na absorção de mão de obra, se consolidando como a principal demandante de trabalho. Muito disso se deve a explosão do turismo, estimulado pela facilidade de acesso rodoviário a partir da implantação da indústria automobilística. Juntou-se a isso a maior mobilidade social proporcionada pelo processo de industrialização, possibilitando um acesso de uma gama maior de pessoas (trabalhadores) ao lazer litorâneo. Dessa forma, a década de 60 apresenta já para a região o dinamismo das atividades nucleares e indutoras da região – notadamente indústria de bens intermediários, serviços portuários e turismo balneário, dando sinais do processo de especialização econômica que estava ocorrendo dentro da economia paulista e até nacional.

É nesse contexto que adquire visibilidade o movimento de especulação imobiliária na cidade de Santos. O espaço físico de Santos satura-se à medida que o movimento de crescimento populacional e a compra de imóveis por pessoas que moram tanto na capital como no interior com propósitos de lazer nos fins-de-semana e férias. Decorrem desse fato mudanças substanciais na distribuição demográfica, econômica e social no espaço físico da região como um todo, passando a mancha urbana a transbordar o território santista para outras cidades do seu entorno.

Os anos 70 apresentam uma acentuação dos fenômenos percebidos na região na década anterior. O setor industrial da região passa a incorporar no seu pólo principal alguns setores relacionados aos setores petroquímico e siderúrgico, constituindo participações significativas na economia nacional na produção desses produtos estratégicos.

O setor terciário passa a descentralizar suas atividades de suas cidades principais. Com o deslocamento populacional para as outras cidades da região através dos vetores de ocupação proporcionados pela construção de estradas federais³, vários serviços induzidos pela aglomeração urbana e pelas atividades turísticas⁴ são “transferidos” para as cidades ao entorno – principalmente Guarujá e Praia Grande. Mesmo assim, tanto esses ramos como aqueles ligados à atividade portuária e de suporte a essa contribuem para aumentar o peso relativo do valor produzido no setor da região no estado de São Paulo.

Com a manutenção na década de um crescimento demográfico expressivo da região (3,94% ao ano), a aglomeração urbana toma contornos caóticos, ocupando partes do território regional de menor segurança e acesso mais restrito. Além disso, a limitação da ocupação dos centros municipais induziu ao processo de verticalização nas duas cidades principais, potencializado pelo turismo e lazer balneário com o forte peso de residências de uso ocasional por parte dos habitantes da capital e do interior.

Como contrapartida a esse fenômeno de indução econômica, a redução das barreiras tempo e espaço ocasionam uma maior facilidade de obter produtos e serviços sofisticados na capital estadual descentraliza de Santos muitas das funções que uma região com tal densidade populacional poderia lhe proporcionar. Com a melhoria das telecomunicações e da locomoção, o litoral passa a ser mercado potencial das empresas do planalto, inibindo e /ou destruindo atividades com mercado cativo da região.

Portanto, os estímulos do adensamento e da aglomeração urbanos são transferidos em grande parte para a Grande São Paulo (Santos, 1992). Essa conclusão entra em conformidade com a definição da EMPLASA de Complexo Metropolitano Expandido. As cidades da região assim apresentam um conjunto de atividades relativamente independentes, descentralizando a prestação de serviços, além de possuírem forte vinculação com essa rede urbana mais abrangente, principalmente quando considerado as relações com a Região Metropolitana de São Paulo.

A dinâmica regional no período 1980 -2004

a. Aspectos Demográficos

Estimativas do IBGE indicam população de 1.608.456 para o ano de 2004, representando uma inflexão na taxa de crescimento, tendo nos últimos quatro anos uma média de 2,16%. Destaca-se sua maior participação relativa no estado com relação aos outros Censos, quando a região possuía 2,5%, 3,83% e 3,86% para os anos de 1970, 1980 e 1991, respectivamente. A região segue a tendência de desaceleração demográfica do Estado. Contudo, nos três períodos, apresenta taxas superiores a este.

Tabela 1 - Evolução da população total e taxa de crescimento demográfico anual

Municípios	População Total						Tx. crescimento anual				
	2000	%	1991	%	1980	%	1970	%	00/91	91/80	80/70
Bertioga	30.039	2,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cubatão	108.309	7,3	91.136	7,5	78.631	8,2	50.906	7,8	1,94	1,35	4,44
Guarujá	264.812	17,9	210.207	17,2	151.120	15,7	94.021	14,4	2,60	3,05	4,86
Itanhaém	71.995	4,9	46.074	3,8	27.464	2,9	14.515	2,2	5,08	4,82	6,58
Mongaguá	35.098	2,4	19.026	1,6	9.928	1,0	5.213	0,8	7,04	6,09	6,65
Peruíbe	51.451	3,5	32.773	2,7	18.411	1,9	6.966	1,1	5,14	5,38	10,21
Praia Grande	193.582	13,1	123.492	10,1	66.004	6,9	19.694	3,0	5,12	5,86	12,86
Santos	417.983	28,3	428.923	35,2	416.677	43,3	345.630	52,9	-0,29	0,26	1,89
São Vicente	303.551	20,6	268.618	22,0	193.008	20,1	116.485	17,8	1,37	3,05	5,18
RMBS	1.476.820	100	1.220.249	100	961.243	100	653.430	100	2,14	2,19	3,94
Estado	37.032.403		31.588.925		25.042.074		17.670.013		1,78	2,13	3,55

Fonte: IBGE - Censos Demográficos

Seu crescimento não se deveu exclusivamente a uma única cidade, mas sim pelo aumento populacional do conjunto das cidades da região. Os dados da tabela 2.4 indicam que há uma intensificação do processo de ocupação das cidades no entorno da ilha de São Vicente, que ocorre a partir da década de 60. O peso de suas duas cidades principais passou

de aproximadamente 70% para 49% nos últimos 30 anos com crescente escassez de espaços destas, engendrando processo de especulação imobiliária de forma a desencadeia a ocupação das outras cidades da região e de verticalização daquelas.

As cidades localizadas na parte sul da região apresentam as maiores taxas de crescimento populacional. Mesmo que tenham bases menores de população, para auferirmos alguma comparação mais justa, algumas de suas cidades apresentam crescentes taxas de crescimento, como é o caso de Itanhaém e Mongaguá. Juntamente com Praia Grande e Peruíbe, a área em questão se constitui no principal vetor de expansão demográfica na década de 90, representando 51% do incremento populacional total.

Enquanto isso, a sede regional, Santos, se vê praticamente estagnada. Se retirarmos o distrito emancipado de Bertioga de seus cálculos, veremos que esta última foi a responsável pela quase totalidade do crescimento vegetativo da cidade nos últimos vinte anos. Sem esta, a cidade de Santos apresenta praticamente a mesma população entre os anos de 1980 e 2000, passando de aproximadamente 412 mil para 418 mil. Já Bertioga apresentou na última década o maior crescimento demográfico da região: mais de 10% a.a. Essa última se constitui como outro vetor de expansão demográfica da região.

Os outros municípios da região (Cubatão, Guarujá e São Vicente) apresentam comportamento semelhante de desaceleração do crescimento, com exceção do primeiro. Ainda assim, o município de Guarujá ainda apresenta um crescimento considerável (2,6% a.a.) quando o comparamos com a média estadual e regional. Deve-se ter em mente que estes três municípios foram os que participaram primeiramente da expansão urbana regional, justamente por fazerem divisa física com Santos.

No que diz respeito à idade dessa população, ela apresenta a mesma tendência do estado: a perda de peso das pessoas de menor idade no total e um aumento substancial das pessoas de idade acima de 65 anos. Contudo, os dados caracterizam a região com um perfil populacional nitidamente mais velho que a média do estado (6,9% e 7,1% de população acima de 65 anos, respectivamente). Esse fenômeno se deve ao acentuado quadro da “madura” cidade de Santos: enquanto a região como um todo apresenta um índice de envelhecimento da RA passa de 0,15 em 1980 para 0,27 em 2000, nesses mesmos anos Santos tem 0,25 e 0,56. Com 11,7% de sua população tendo idade acima de 65 anos, esta cidade se caracteriza por um conjunto de demandas sociais específicas.

As migrações têm peso decisivo na dinâmica populacional da região. Historicamente, a região recebe considerável número de pessoas vindas de outras partes do país⁵. A migração

interestadual se consolida como a principal componente desse tipo de fluxo para este último período analisando, sendo responsável por 40,4% das imigrações totais da região. Além disso, apresenta um saldo líquido de 35,3 mil pessoas devido majoritariamente ao resultado dos movimentos populacionais entre a região em questão e a metrópole da capital, dos quais obteve-se um saldo imigratório de mais de 41 mil pessoas. Analisando o local para onde estas pessoas foram, vê-se que seu destino é predominantemente Praia Grande, local de destino de mais de 18,4 mil (30,7) imigrantes oriundos da Grande São Paulo. Destacam-se ainda as cidades do litoral sul (Itanhaém, Mongaguá e Peruíbe), que juntas receberam 36,1% desse fluxo.

O saldo emigratório ocorrido com o interior de aproximadamente 6,1 mil pessoas concentra-se nas regiões de Campinas e São José dos Campos. Esse fato provavelmente se deve a relativa estagnação que a região em relação a estas demais, caracterizadas pelo diversificado pólo industrial e por conseqüência maiores oportunidades de trabalho. Merecem maiores considerações a análise da escolaridade, idade e tipo de ocupação desses emigrantes para a comprovação e elucidação dessa questão.

Com relação à dinâmica intrametropolitana, esta apresenta peso determinante na década de 80, como visto na tabela 2.6. Jakob (2003) mostra minuciosamente que o sentido desses movimentos é de saída de cidades mais consolidadas (Santos, São Vicente) com custo de vida mais barato. O autor baseia-se no ciclo de vida para comprovar sua tese: argumenta que no processo de fragmentação das famílias, ou seja, quando os filhos se separam dos pais para a formação de uma nova família, emigram para locais mais adequados à situação destas, que geralmente apresentam menor poder aquisitivo, gerando mais acentuado processo de envelhecimento populacional.

Tabela 2 – Residência por situação – 2000

Estado, RMBS e municípios	Situação					Total	% total
	Ocupado	Fechado	Ocasional	Vago	Coletivo		
Bertioga	33,4	0,5	60	5,7	0,4	26.149	3,5
Cubatão	88,9	1,2	0,9	8,9	0,1	33.693	4,5
Guarujá	57,2	0,7	35,5	6,4	0,1	126.546	17
Itanhaém	40,4	0	52,5	6,9	0,1	50.949	6,8
Mongaguá	29,8	0	63,9	6,2	0,1	33.146	4,5
Peruíbe	45,2	0,1	46,9	7,6	0,3	32.095	4,3
Praia Grande	34,3	0,1	58,2	7,3	0,1	160.289	21,5
Santos	77,1	0,6	12,2	10	0,1	170.439	22,9
São Vicente	75,1	1	13	10,8	0,1	111.258	14,9
RMBS	57,2	0,5	33,9	8,2	0,1	744.564	100
Estado de São Paulo	82,1	1,2	5,6	11	0,1	12.664.908	-

fonte: Censo Demográfico 2000 – IBGE

Esse processo é potencializado pela especificidade regional de ter no turismo uma de suas principais atividades, trazendo uma ampliação da demanda imobiliária para compra de

domicílios de uso ocasional, encarecendo-os e tornando ainda mais inacessíveis a esse grupo de pessoas. Como podemos visualizar na tabela 2, o grande peso no número desse tipo de residência nas cidades, com exceção de Cubatão, gera um afastamento das áreas mais centrais para as mais periféricas, no sentido de esvaziamento dos municípios já consolidados para áreas de menor densidade populacional e mais afastadas da orla das cidades da região.

Com a inauguração da segunda pista da rodovia dos Imigrantes em 2002, facilitando o acesso à região e assim gerando um reaquecimento do mercado imobiliário na região, potencializa os deslocamentos no sentido de periferização desse perfil de população, consolidando mais rapidamente os municípios. O exemplo mais cabal dessa nova rodada de deslocamento demográfica e verticalização se dá atualmente na cidade de Santos, com um forte aquecimento imobiliário baseado em condomínios de alto-padrão – visando famílias que trabalhem em São Paulo – com possibilidade de construção de torres de 25 andares. Está ocorrendo uma reestruturação do padrão de urbanização citadino, com agudização do processo de verticalização, “empurrando” muitas famílias para áreas mais distantes do mar dada incompatibilidade entre valor do imóvel e renda para mantê-lo.

b. Aspectos Econômicos

Como já enfatizado nos capítulos anteriores, a economia regional possui três principais grupos de atividades características: a atividade portuária, o pólo industrial de Cubatão e serviços ligados ao turismo; todas com fortes vínculos com a economia paulista e nacional. Todas estas induzem fortemente a economia local, dado que o gasto dos agentes forâneos se em parte transforma em renda interna na forma de salários, impostos, lucros etc, aquecendo as atividades vinculadas principalmente ao atendimento do mercado local.

Tabela 3 - Participação da RMBS no VAF estadual e do interior

	1980	1985	1990	1995	1998	2000	2003
% Estado	4,6	3,8	3,8	3,3	3,2	3,6	4,1
% Interior	11,5	8	8,1	6,7	6,3	6,7	7,3

Fonte: Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Desde já partimos da constatação de que os últimos 25 anos se caracterizaram pela estagnação econômica da região. Como podemos ver na Tabela 4, a região perde participação na geração de valor na economia paulista, indo de 4,6% para 3,2% em 98, se recuperando a partir de então e obtendo 4,1% em 2003. Queda ainda maior tem diante do interior paulista, perdendo mais de 5 p.p. até 1998, recuperando-se um pouco e permeando os 7,5% atualmente.

A constatação inicial do capítulo torna-se preocupante ao lembramos que o país passou por um forte ajuste recessivo da década de 80 e levou a cabo os processos de abertura

comercial e privatização na década de 90, repercutindo em taxas de crescimento pífias, próximas de zero. O estado de São Paulo foi um dos que mais sofreu, com sua economia fortemente caracterizada pelo peso do setor industrial e baseada em grande medida no mercado interno.

Uma das principais conseqüências da abertura comercial foi o sucateamento de boa parte do parque industrial brasileiro ao deparar-se com a forte concorrência, acentuada pela taxa de câmbio valorizada e maiores custos de financiamento. Como explicam Carneiro (2002), as empresas se viram obrigadas a fazer um esforço modernizador, que muitas vezes implicava na especialização da produção e no corte substancial de postos de trabalho, buscando aumentar a produtividade. Muitas delas não resistiram e fecharam suas portas ou foram açambarcadas por outras maiores.

Dessa forma, há uma queda absoluta nos empregos referentes à industrial de transformação, principalmente após a constituição do Plano Real, resultando numa retração de quase 47% entre 1985 e 2003. Juntamente a isso, os fenômenos da privatização e modernização das estatais pesaram substancialmente para tal resultado. Somando a perda de postos de trabalho direto do porto de Santos e do Pólo Industrial de Cubatão, a década de 90 representou aproximadamente de 21 mil empregos formais a menos na região⁶.

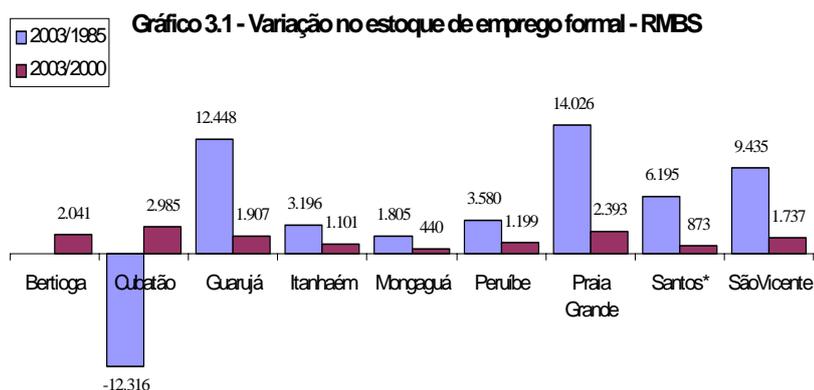
Tabela 4 - Evolução do número de trabalhadores formais - RMBS (1985 =100

Setores	1985	1990	1995	2000	2003		
Ind. Transf.	36.728	100	71,9	99,8	50,7	52,4	19.263
Construção Civil	9.370	100	184	137,1	147,6	135,5	12.695
Comércio	44.936	100	91	85,8	103,7	115,3	51.797
Serviços	128.260	100	115,9	97	122,3	130,2	167.007
Outros	4.399	100	113,3	546,6	48,7	49,7	2.187
Total	223.693	100	106,5	105,8	106,4	113,1	252.949

Fonte: RAIS – Ministério do Trabalho

O setor de serviço, que já possuía estruturalmente um peso maior na região devido processo histórico de formação socioeconômica, passa a acolher ainda mais trabalhadores, despejados da indústria e da construção civil e pelo processo de terceirização das empresas. Seu peso passou de 57% para 66% dos empregos formais da região, como mostra os números da tabela 4⁷.

Especialmente falando, a geração de empregos com vínculos empregatícios se deu notadamente nas cidades de Guarujá, São Vicente e Praia Grande (gráfico 3.1). Juntas, estas cidades respondem por 93,6% do aumento do estoque de 38,4 mil empregos (32,4%, 24,6% e 36,6%, respectivamente). No sentido contrário, a cidade de Cubatão amargou uma perda de 12,3 mil postos de trabalho, enquanto Santos, com a emancipação de Bertioga, teve uma pequena retração de pouco mais de 250 empregos formais.



Contudo, parece haver uma recuperação econômica na região a partir de 2000, dado que 38,2% da variação do estoque de empregos formais se deu entre esse ano e 2003. Essa retomada na geração de postos de trabalho foi comandada pelas cidades de Cubatão, Praia Grande e Bertioga, que juntas foram responsáveis por aproximadamente 50% desse total (20,3%, 16,3% e 13,9%, respectivamente). Santos, por sua vez, gerou apenas 5,9% das vagas.

Seguindo a desconcentração demográfica nos municípios da região, esta apresentou uma relativa descentralização da atividade econômica. Esse fenômeno é mais perceptível na década de 90 com a perda substantiva da participação da cidade de Santos, com ganhos principalmente para Cubatão, Guarujá e Praia Grande.

Setor industrial

Analisando setorialmente a atividade econômica regional, sua indústria se caracteriza pela conservação de sua estrutura, ou seja, mantém-se o peso daqueles ramos que mais contribuíram para a geração de valor são aqueles historicamente pertencentes ao pólo: metalurgia de ferrosos, combustíveis e produtos químicos. Juntos, estes setores representavam mais de 92% em 1980, perdendo levemente seu peso nos anos 90, indo para 86% em 95, e se recuperando representatividade desde então, atualmente próximo dos 93%.

Diferentemente das décadas de 60 e 70, período em que apresentou uma expansão no número de firmas, o pólo industrial de Cubatão atravessou a década de 80 sem sofrer inversões significativas quanto menos aumentar a sua produção, visto o conjunto de medidas destinadas ao controle da poluição emitida das fábricas, intensificando-se na segunda metade do período. As firmas, para continuarem a produção, se vêem no dever de modernizar o processo produtivo de modo a reduzir os dejetos poluentes. Juntamente a este fato, a crise econômica pelo que passou o país deteriorou ainda mais a confiança dos investidores em constituírem fábrica no local. O resultado fora uma queda de 28,2% na produção física da cidade nesse ano, principalmente devido às mudanças compulsórias feitas na Refinaria Presidente Bernardes (COUTO, 2003). Juntamente a este fato, a crise econômica pelo que

passou o país deteriorou ainda mais a confiança dos investidores em constituírem fabrica no local. EMPLASA enfatiza que os negócios potenciais da região foram “... *deslocados gradualmente para outras regiões do país (Bahia e Rio Grande do Sul) e do estado de São Paulo (Paulínia e São José dos Campos)*...” (EMPLASA, 2002, p.42)

Assim sendo, quando investigamos os setores industriais, ocorre que aqueles que mais pesam na região e que possuíam grande relevância para a economia estadual perdem nesta considerável participação. O setor de metalurgia passa de aproximadamente 14% no ano de 1980 para menos de 9% em 90, queda muito mais acentuada no interior, no qual no mesmo período passou de uma representação de quase metade do setor (45%) para 25%. No mesmo sentido, o setor de produtos químicos sofre uma queda de 6 p.p. na década no Estado (de 17,4% para 11%) e de 17 p.p. no interior (de 40,7% para 23,6%).

A década de 90 se caracterizou pela reestruturação patrimonial, concorrencial, produtiva e do perfil do mercado, tendo como pano de fundo os processos de abertura comercial e privatização das empresas estatais. O pólo de Cubatão não foge a regra, principalmente por suas três principais empresas (Refinaria Presidente Bernardes, COSIPA e Ultrafértil) serem de propriedade do Estado. Além desse fato, a infra-estrutura que sustenta o processo de produção e circulação local – Sistema Anchieta -Imigrantes, estrada de ferro Santos - Jundiaí – também passam pelo processo de mudança patrimonial, tornando-se privadas.

A abertura comercial atrelada tanto ao câmbio valorizado quanto as taxas de juros altas geram num curto espaço de tempo uma dinâmica concorrencial perversa. Muitas das empresas da região não agüentaram e acabaram sendo absorvidas por transnacionais, principalmente as pertencentes ao setor de fertilizantes. (Algumas outras fábricas desativaram suas plantas devido ao seu caráter antieconômico Rhodia e Alba).

Com relação às duas empresas estatais, a RPBC passa por um processo de especialização produtiva, modernizando suas instalações para acomodar processos de maior agregação de valor, com destaque para a produção combustível para aviões. Já a COSIPA adotou a estratégia de atrair empresas que utilizem seus produtos como insumo, mostrando as vantagens da proximidade de seu fornecedor com a redução dos custos de transporte. Nesse sentido, Couto (2003) afirma que está se constituindo um Pólo Metal - Mecânico na cidade tendo como núcleo a provisão do aço da COSIPA. Segundo o autor, três empresas caracterizadas por tal articulação já se instalaram no local desde então, a Brastubo, Dufer S/A e mais recentemente a Painco S/A.

Tabela 5 - Participação da RMBS no VAF industrial estadual e do interior

	1980	1985	1990	1995	1998	2000	2003
% Estado	4,3	4,1	2,6	3,2	3,2	4,2	4,8
% Interior	12	9,6	6,3	6,7	6,3	7,2	7,7

Fonte: Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Assim, desde 1998 até os dados do último ano disponível (2003), a indústria local cresce acima do Estado e do interior, chegando a representar 5,92% do valor fiscal industrial gerado no Estado em 2002. No que diz respeito aos complexos de maior relevância na região, estes seguem, grosso modo, a mesma tendência: aumentar sua participação no estado variar pouco no interior. Analisando a atividade metalúrgica, observa-se que esse setor aumenta sua participação, indo de 8,8% para 13,8% do VAF do estado e de 24,5 para 25,7% no interior. Isso significa dizer que nesse período mais recente as indústrias características da RMBS crescem mais rapidamente do que o interior, muito devido a incipiente constituição de um pólo metal – mecânico e também pela recente alta dos preços do aço no mercado mundial.

Note-se que não há um processo significativo de maior diversificação industrial na região. Os setores mais dinâmicos da indústria, dotados de forte efeitos para os outros elos da cadeia e de intensivos em tecnologia e conhecimento – material de transporte, máquinas e equipamentos, fármacos etc - não se instalam na região de forma significativa. Esses setores também sofreram um processo de descentralização da metrópole de São Paulo, porém se deslocaram para outras regiões próximas à capital – Campinas, São José dos Campos e Sorocaba, principalmente – e que possuem vantagens indiscutíveis quando comparados a Baixada. Além da proximidade com a capital e do mercado, essas regiões são dotadas de boa infra-estrutura e principalmente de centros de pesquisa e universidades produtivas e de qualidade, fato esse último inexistente na Baixada Santista.

Dado estes fatos, chega-se à conclusão que a indústria da região tenderá a crescer nos setores em que ela já possui significativa participação na economia estadual, muito pelo fato da característica de aglomeração espacial do setor de bens intermediários. A futura extração de gás natural da Bacia de Santos também se encaixa nesse contexto, podendo atrair empresas para a região que utilizem tal produto como matéria-prima para a produção de derivados. Essa potencialidade deve ser balizada pelo risco ambiental que cada nova atividade pode trazer para a região.

Atividades do Terciário

Com relação à caracterização do terciário regional, deve-se ressaltar a sua especialização enquanto economia fortemente atrelada à dinâmica estadual e nacional. De acordo com os dados levantados pela PAEP 2001, as atividades de serviço da região

representam apenas 3% do setor no estado e pouco mais de um décimo do interior. Suas atividades de maior destaque são justamente aquelas mais imbricadas às economias estaduais e nacionais, ou seja, aquelas relacionadas ao porto (8,6%) e ao turismo: atividades de lazer / cultura (6,1%), alojamento (6,6%) e atividades mobiliárias (5,8). Esta última também explicada pela grande verticalização dos domicílios da região.

Deve-se inferir ainda o baixo peso daqueles setores que são desdobramentos do processo produtivo. Tanto serviços técnicos e de auxílio às empresas quanto atividades de informática e telecomunicações, caracterizados pelos maiores rendimentos aos trabalhadores, são inexpressivos quando inseridos na economia estadual. Lembrando da maior acessibilidade via transporte e comunicações, Santos (1992) afirma que estabelecimentos cujas atividades que dão suporte ao processo produtivo (firmas de engenharia, auditoria, consultoria, advocacia, propaganda e marketing etc) foram substituídos pelos estabelecimentos prestados na capital. As empresas que sobraram no ramo na região atendem primordialmente a atividade econômica que tem no mercado local seu principal demandante. Outro conjunto de atividades que se destaca negativamente é o setor de educação formal, com apenas 1,8% do valor estadual.

Tabela 6 - Comércio da RMBS -participação no VAF estadual, do interior e no VAF total da região

	% Estado		% Interior		% VAF regional	
	1980	1998	1980	1998	1980	1998
Comércio Varejista	3,93	3,5	9,14	7,38	7,75	13,04
Comércio Atacadista	10,28	2,23	33,5	6,02	24,22	9,11
Comércio Total	7,39	2,83	20,36	6,75	31,97	22,15

Fonte: Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Observando os dados referentes ao comércio, fica nítido que a principal razão para a queda de sua participação na economia paulista fica por conta do comércio atacadista. O quadro abaixo registra uma forte perda de participação deste tanto com relação ao setor no estado e no interior quanto na geração de valor na região. O período mais recente se caracteriza pelo pequeno ganho de participação no comércio regional no estadual, do interior e na economia local. Mais especificamente, foram responsáveis diretos pelo resultado o comércio atacadista e supermercados. Como contraponto, destaca-se o setor de lojas de departamento, que perdem expressiva parcela de representatividade.

De fato, o forte crescimento populacional de algumas cidades da região (principalmente aquelas pertencentes ao litoral sul da região) aliado aos crescentes números de turistas e população flutuante na região acentuou o processo de pulverização das atividades comerciais para todas as cidades da região, com destaque para construção de complexos

comerciais nas outras cidades da região durante a década de 90 em Praia Grande, São Vicente Guarujá.

Para entendermos a acomodação no território e o grau de sofisticação e diversificação do terciário da Baixada, é necessário analisar outros fatores além das atividades econômicas característicos da região (atividade portuária, complexo industrial de Cubatão e turismo balneário). No caso desta região, devemos observar também a capacidade da população local de usufruir determinados serviços, o fato desta ser próxima e ter fácil acesso à metrópole paulista e a especialização espacial do turismo balneário a partir de aspectos sócio-econômicos.

Com relação à estrutura de renda da região, esta se caracteriza por possuir uma maior percentagem de suas famílias com rendimento *per capita* maior de três salários mínimos do que o Estado de São Paulo (31,7% e 28,5%, respectivamente) pelo último Censo. Analisando a tabela 7, conclui-se que tal resultado se dá predominantemente pelo perfil da cidade de Santos, que apresenta mais da metade de suas famílias com esses níveis de rendimento. O restante das cidades da região apresentam um padrão de renda *per capita* familiar abaixo da média do estado. Descontando o efeito gerado pela cidade sede, o conjunto de outros municípios possui apenas 22,8% de suas famílias em situação semelhante.

Tabela 7 - Classes de rendimento nominal mensal familiar per capita - RMBS e Estado de São Paulo

Município	Total	Mais de			Mais de			Sem rendimento	
		Até 1/2 s.m.	1/2 a 1 s.m.	Mais de 1 a 2 s.m.	Mais de 2 a 3 s.m.	Mais de 3 a 5 s.m.	5 a 10 s.m.		
Santos	140.406	3,1	8,6	17,6	15,1	19,7	19,4	12,8	3,6
RMBS	456.320	7,9	16,2	24,4	14,1	14,6	11,1	6	5,7
RMBS - Santos	315.914	9,9	19,5	27,4	13,7	12,3	7,5	3	6,7
São Paulo	10.960.515	8,7	18,7	26,2	13,4	12,5	9,7	6,3	4,5

Fonte: Censo 2000 - IBGE

Dessa forma, Santos apresenta um conjunto de atividades de prestação de serviço à população muito mais sofisticado, caracterizado pela maior agregação de valor. Destaca-se sua grande diferenciação de serviços pessoais, notadamente academias de ginástica, restaurantes, agências bancárias, salões de beleza, serviços gastronômicos e aqueles relacionados a sua população mais idosa etc.

Mais do que atender as demandas das classes de maior renda da região, a cidade centraliza grande parte da oferta de serviços ligados às áreas sociais, à produção e à distribuição da região. Além de centralizar expressiva parcela da oferta de ensino superior e equipamentos ligados à saúde, a cidade concentra expressiva parcela de repartições públicas regionais. Segundo dados do SUS para 2003 e do MEC para 2002, a cidade possuía,

respectivamente, 63% dos leitos - sendo a única cidade da região a ter saldo positivo no diferencial entre local de internação e local de residência - e 87% da oferta de vagas no ensino superior. Mais que isso, registra expressiva parte dos escritórios jurídicos, de auditoria, de engenharia, de publicidade etc muito devido às atividades portuárias. Por essas mesmas razões concentra atividades de ligadas à distribuição tais como armazenamento de diversos tipos de carga; parte expressiva do processo logístico e burocrático das mercadorias que passam pelo porto.

Contudo, as atividades comerciais são espalhadas preponderantemente entre as cidades de: Santos, São Vicente, Praia Grande e Cubatão. O comércio atacadista tem relativa expressividade nessas duas últimas cidades devido à sua localização estratégica, basicamente entroncamentos de rodovias.

O grau de sofisticação do terciário de outras cidades se dá basicamente pelo provimento diferenciado de serviços turístico na região. O processo deestratificação sócio-econômica do espaço regional no que tange o lazer e turismo balneário engendrou nas cidades do litoral sul um turismo para pessoas com baixo-médio poder aquisitivo, constituindo um conjunto de atividades relacionadas de menor valor agregado e com menor diversificação. Além do habitual aparelhamento turístico (hotéis, camping, pousadas), destacam-se o grande número de colônia de férias de organizações corporativas (Banco do Brasil, Caixa Econômica, Itaú, DERSA, Polícia Militar etc somente na cidade de Itanhaém).

Praia Grande merece especial atenção, pois teve na década de 90 um forte crescimento demográfico vinculado a um boom imobiliário com forte verticalização. Acrescida ainda de uma substancial reforma urbana, incluindo a urbanização da orla marítima (ciclovias, quiosques, jardins), esta cidade passou por grande desenvolvimento econômico, principalmente de seu terciário. Com a construção de um grande *shopping center* (Litoral Plaza), ampliação do comércio atacadista, de inúmeros restaurantes e demais serviços ligados não só a população local como também a sua população flutuante (345 mil pessoas), esta cidade não só passou a exercer alguma centralidade sobre as outras do eixo sul e da parte continental de São Vicente, como também gerou forte aumento considerável de sua participação no VAF de serviços regional.

No outro extremo da região, as cidades de Bertioga e Guarujá se especializaram no turismo para as classes média-altas e altas do estado. Sendo assim, considerável parcela de suas atividades se caracteriza pelo alto valor agregado (restaurantes especializados;

discotecas, boates e bares incrementados etc). Destaca-se nessas cidades o considerável número de domicílios de empreendimento imobiliários de luxo, geralmente com ocupação ocasional (fins de semana, feriados, férias), caracterizados por um conjunto interno de atividades relacionadas à alimentação, saúde, lazer e diversos. Principalmente para a cidade de Bertioga, tem sido expressivo gerador de postos de trabalho para a população local.

Sobre o segmento do turismo, os últimos 25 anos podem ser divididos em dois períodos. O primeiro vai do início dos anos oitenta até a final dos anos 90 e tem como principal característica sua brusca estagnação. Alguns fatores foram decisivos para isso: primeiramente, a economia nacional passa por forte recessão, com maior número de desempregados aliada à perda de poder de compra dos salários com o arrocho e a aceleração da inflação.

Outro determinante foi a maior concorrência com outras regiões litorâneas; principalmente a região insular de Santos e Guarujá sofreram com relação ao litoral norte do Estado, dado que a maior facilidade de seu acesso com a abertura das estradas Mogi-Bertioga e Rio-Santos atraía classes média-alta. A região atual de Bertioga passa a receber um contingente maior de pessoas e inicia-se a construção de condomínios fechados (a Riviera de São Lourenço é o exemplo mais conhecido). Santos e São Vicente ainda contaram com a agravante da poluição de suas praias, desestimulando o turismo cidadão.

Os últimos anos são marcados pelo aumento do contingente de turistas vindos para a região. Entre as razões principais, a acessibilidade mais fácil com a duplicação da Imigrantes e mais recente mente Padre Manuel da Nóbrega gerou maior procura pelas cidades da Baixada Santista. Além do mais, fator de grande importância foi a condição financeira das famílias aliado ao diferencial de preços com o litoral norte, a região passa a receber muitos veranistas com menor capacidade de gasto àqueles que outrora visitavam a região. Deve ser lembrado ainda o crescente volume do terminal de passageiros do porto de Santos, no qual crescente número de navios permanece durante um dia inteiro na cidade.

A ação das prefeituras também deve ser destacada. Estas passaram a dar maior atenção à balneabilidade e visual das praias, investindo no controle de qualidade da água do mar e na considerável reformulação urbanística de suas orlas, com construção de calçadões, quiosques, ciclovias e jardins. Algumas das cidades atualmente possuem projetos que consistem em promover os aspectos históricos de cada cidade, tais como Itanhaém e São Vicente. Santos enfoca mais a revitalização e readequação de suas edificações e atividades que constituíram seu centro histórico objetivando prestação de serviços ao turismo. Através de forte renúncia fiscal e investimentos consideráveis em restauração arquitetônica e propaganda, a prefeitura

vem conseguindo trazer alguma renovação para local, ainda que incipiente.

Outro fato que merece destaque nos últimos anos é o apelo que o turismo de negócios vem tendo na região. Com equipamento urbano considerável e um conjunto de atividades de terciário diversificado, esse ramo vem ganhando força nas cidades centrais (Santos, São Vicente e Guarujá). Esse nicho é particularmente atraente para a economia local, pois se caracteriza por pessoas de classe média-alta, que usam mais proporcionalmente serviços de hotelaria, trazem junto o resto da família. Mais do que isso, a quebra com o padrão da sazonalidade das férias, sendo um segmento com fluxo relativamente constante no ano inteiro. Contudo, a resposta da expansão da rede hoteleira em aumento do número de leitos ainda não foi sentida, principalmente pela incerteza dos investidores do ramo com relação ao comportamento do mercado após a inauguração do inacabado e paralisado IBIS em Santos.

Com relação à atividade portuária, se tratando do mais importante e maior complexo do Hemisfério Sul, exerce enorme influência direta sobre as cidades de Santos, Guarujá e Cubatão devido sua localização nessas cidades. Todo um conjunto de atividades de apoio, notadamente as retroportuárias (cadeias logísticas) e de burocracia (escritórios) se estabelece nesses municípios. Há uma grande concentração das atividades administrativas, fiscais, aduaneiras etc no centro antigo de Santos.

A década de 90 significou grandes transformações na atividade portuária brasileira. Como parte do pacote de políticas liberais, a Lei de Modernização dos Portos de 1993 tinha como principal objetivo o aumento da competitividade do setor, reduzindo seus custos através da descentralização e desregulamentação do sistema vigente. Dessa forma, o investimento feito passa a ser crescentemente privado, previsto nos contratos de concessão. Segundo CODESP (2001), até aquele momento as 24 áreas já arrendadas (de 51 no total) resultaram num investimento de R\$ 543,9 milhões nos terminais pelos contratos de concessão.

Como resultado, o Porto de Santos alcançou resultados expressivos com as transformações, conseguindo aumentar tanto sua movimentação (140% desde 1993) quanto sua produtividade. Segundo cálculos deflacionados de Rodrigues & Vaz (2001), o custo de mão de obra por tonelada reduziu-se de R\$ 16,61 em 1990 para pouco mais de R\$8 R\$/t⁸ em 1999. Já a radical redução da incidência tributária foi considerável, gerando uma queda de mais de 80% de tributos (de R\$ 158 para R\$29 por unidade) no período de 1997 a 2000 para o maior terminal de container do Brasil (TECON 1).

Os impactos dessas transformações repercutiram de forma significativa na economia da região, notadamente a cidade de Santos. Rodrigues e Vaz (2001) enfatizam o aumento da taxa de desemprego na cidade (23,7% em jul / 1999) visto o enxugamento do contingente de

trabalhadores do porto (3,7 mil empregos diretos), queda na massa de salários com efeitos depreciativos no comércio em geral da cidade e na sua rede de serviços, além de queda na participação do ICMS na receita municipal.

Considerações finais

A construção social do espaço na região passa a partir dos anos 60 por um processo de descentralização das zonas de influências e agentes indutores na região. Devido em grande parte às rupturas recentes do mundo capitalistas do tempo e espaço, através da grande avanço nas telecomunicações e nos deslocamentos de pessoas e mercadorias através das melhorias de infra-estrutura, a Baixada passa a integrar um mercado expandido da metrópole da capital.

O seu mercado local, mesmo possuindo tamanha escala e aglomeração, não consegue gerar uma maior divisão social do trabalho regional, ou melhor, há um desvio crescente dos estímulos do adensamento e da aglomeração urbana da região para a Grande São Paulo. Dessa maneira, as últimas décadas são marcadas pelo arrefecimento de várias atividades ligadas principalmente à prestação de serviços às empresas e de intermediação comercial, sendo transferidas para a metrópole do Planalto. Ainda mais, seu setor terciário caracteriza-se pelo baixo grau de inovação, tendo as demandas mais sofisticadas sendo saciadas pelo Planalto e atende uma população de baixa renda. Para esse perfil de renda, as cidades apresentam um conjunto de atividades relativamente independentes, com prestação de serviços proporcionalmente descentralizada com exceção de alguns serviços sociais públicos.

Nesse sentido, a economia local pode ser inserida num tecido social mais amplo, o Complexo Metropolitano Expandido. É expressivo o número de ônibus fretados que partem das cidades de Santos, São Vicente, Cubatão e Guarujá com destino a diversas localidades da Grande São Paulo. Analisando as principais companhias de fretamento da região, aproximadamente 3.200 pessoas sobem a Serra diariamente via esse meio. Contabilizando os deslocamentos de carro e de ônibus de linha, certamente este número deve pelo menos dobrar. Dados obtidos por pesquisa do núcleo de estudos da região confirma uma pendularidade do mercado de trabalho da cidade de Santos para a metrópole de mais de 4% (NESE, 2004).

Outro forte indicador da complementariedade econômica da região com relação à RMSP é o forte caráter indutivo de emprego nas atividades de prestação turismo e lazer balneário para esse mercado. Segundo a EMPLASA, as populações flutuantes da região nos períodos de verão e carnaval foram de aproximadamente 615mil e 1,8 milhões para o ano de 1995, respectivamente. Este número deve ter sofrido considerável crescimento devido à inauguração da 2ª pista da rodovia dos Imigrantes. Já a SABESP atribui para 2004 um

contingente flutuante de aproximadamente 950 mil pessoas, majoritariamente pessoas vindas da grande São Paulo e de alguns centros do interior, principalmente para as cidades de Praia Grande (345 mil, mais que dobrando sua população) e Guarujá (171 mil).

Ainda assim, região apresenta uma relativa centralidade na cidade de Santos, abrigando um relativo conjunto de serviços diferenciados não existentes nas outras cidades, como alguns serviços sociais, seja no meio público ou privado (educação superior e saúde). Além desses, algumas atividades de maior sofisticação do terciário como shoppings centers, centros de convenções, bares e restaurantes temáticos etc também são encontrados predominantemente em Santos. Cabe questionar até que ponto essa maior sofisticação repercute em polarização dado perfil socioeconômico diferente do resto das cidades.

Notas:

¹ Percorrendo o litoral paulista do sul para o norte, temos as cidades de Peruíbe, Itanhaém, Monguaguá, Praia Grande, São Vicente, (Cubatão), Santos, Guarujá e Bertioga

² Para análise detalhada, ver Cano (1998).

³ Os vetores de ocupação marcadamente apresentam diferentes realidades sócio-econômicas. Para o norte litorâneo (Guarujá), a ocupação é notadamente de famílias de médio-alta renda, enquanto a ocupação para a região sul (Praia Grande, Mongaguá etc) apresenta uma especialização no turismo para camadas de menor renda (Santos, 1992).

⁴ Santos(1992) salienta que no período de verão a população flutuante correspondia a aproximadamente $\frac{3}{4}$ da população fixa (750 mil habitantes).

⁵ Para uma abordagem detalhada do assunto para a Baixada Santista, ver o estudo minucioso de Jakob (2003)

⁶ No caso do porto, houve redução de 3.667 empregos diretos; já para o pólo de Cubatão esse número chegou a 17514. Fonte: NESE e Couto (2003)

⁷ Se computarmos os dados referentes aos dois últimos Censos, visualizaremos a mesma tendência, porém de forma mais acentuada. Como este consegue captar o emprego informal, o terciário na região passa a empregar 78,3% em 2000 quando empregava 73,3% dos trabalhadores da região.

⁸ Cálculo já deflacionado pelos autores, usando o IGP-DI com base no ano de 1999.

Bibliografia:

- CANO, W. Raízes da Concentração Industrial do Brasil. (1998)
- CARNEIRO, Ricardo. Desenvolvimento em crise. Vinte e cinco anos de política econômica (2002)
- COUTO, Joaquim Martins. “Entre estatais e transnacionais: o Pólo Industrial de Cubatão” - Tese de Doutorado - IE/ UNICAMP 2003
- EMPLASA. Plano Metropolitano de Desenvolvimento Integrado. Região Metropolitana da Baixada Santista 2002
- Fundação SEADE . São Paulo no Limiar do séc. XX - volume 5 e 7
- JAKOB, Alberto. “Análise Demográfica da Constituição do Espaço Urbano da Região Metropolitana da Baixada Santista no Período 1960 – 2000” - Tese de Doutorado - IFCH/ UNICAMP 2003
- NESE. Pesquisa de Emprego e Desemprego na cidade de Santos – setembro de 2004
- RODRIGUES, José e VAZ, José Pascoal. Porto de Santos - uma década de transformações- 1990-1999 . NESE